

Resenha de “O verso do anverso: teoria, crítica e literaturas africanas” [MWEWA, Christian Muleka; SÁ, Ana Lúcia; VAZ, Alexandre Fernandez (Orgs.) – Nova Petrópolis: Nova harmonia, 2011]

Fabília Machado Fernandes^{*}
Christian Muleka Mwewa^{**}
Cristiane Gonçalves Dagostim^{***}

Frequentemente encontramos escritos que mencionam o continente Africano como o berço da civilização. Porém, a pluralidade cultural evidenciada na África raramente é difundida nos meios de comunicação em massa, e quando é mencionada sempre acabam a retratando como um continente periférico, marcado pela desigualdade social, doenças, conflitos armados, miséria e vida selvagem. Porém, a diversidade da cultura africana pode ser evidenciada nas obras literárias locais, pois, ao escrever uma narrativa os autores estão “impregnados” do contexto em que estão inseridos, sendo assim, as narrativas ficcionais estão embebidas de realidade.

O livro intitulado *O verso do anverso: teoria crítica e literaturas africanas*, organizado por Christian Muleka Mwewa, Ana Lúcia Sá e Alexandre Fernandez Vaz discute as temáticas africanas através das obras literárias de diversos autores daquele continente no período de pós-colonização européia. O livro está dividido em três movimentos (partes), sendo o primeiro contemplando cinco artigos; o segundo e o terceiro movimento são compostos por três artigos cada.

No primeiro movimento, os autores realizam as suas reflexões a partir das obras literárias do escritor moçambicano Mia Couto, principalmente as obras *Um rio*

* Mestranda do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade do Sul de Santa Catarina. E-mail: fabriciamfernandes@hotmail.com.

** Christian Muleka Mwewa. Doutor em Ciências da Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina com estágio doutoral na Université Paris 1 – Panthéon Sorbonne; Professor no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL/Brasil); Coordenador do Grupo de Pesquisa Educação, Cultura e Sociedade (Unisul/CNPq); Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea (UFSC/CNPq). E-mail: christian.mwewa@unisul.br.

*** Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Ciências da Linguagem, da Universidade do Sul de Santa Catarina. E-mail: cris.dagostim@gmail.com.

chamado tempo, uma casa chamada terra e *O outro pé da Sereia*. As reflexões a partir dessas obras têm como eixo central a formação cultural no período de pós-colonização europeia em Moçambique e a importância da linguagem neste contexto, seja ela verbal (oralidade), escrita e até mesmo corporal.

No primeiro artigo "Entre mapas movediços e águas míticas, alguns jogos de espelho em *O outro pé da Sereia*, de Mia Couto", Jorge Valentim, a partir do livro *O outro pé da Sereia* (COUTO, 2006), vai questionar os elementos do movimento pós-modernista e pós-colonial, destacando que o pós-colonialismo possui ideias divergentes do pós-modernismo, mas é possível perceber alguns pontos que tornam os discursos, até certo ponto, convergentes. Valentim aborda alguns elementos que servem de "justificativa" para diferenciar o pós-colonialismo do pós-modernismo na África, sendo uma delas a teoria de Boaventura de Souza Santos (2006) e Laura Padilha (2002) que mencionam o contexto temporal, ou seja, enquanto que a partir da década de 1960 na Europa as ideias pós-modernistas estavam sendo disseminadas, os países da África ainda lutavam pela libertação. Já entre os elementos convergentes, Valentim argumenta que as identidades culturais africanas, por exemplo, são formadas a partir de diversos pressupostos culturais, como pode ser verificado na alusão a uma hibridez identitária no título em análise, sendo essa "mistura" que abre possíveis diálogos com os discursos pós-coloniais.

Christian M. Mwewa em "Diálogos culturais na formação do sujeito Marianinho em *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*" e Adriana Assis em "Alguma crítica: a dança do corpo poético em *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*" realizam suas reflexões a partir da obra *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, do Mia Couto. O enfoque dado por Mwewa é a formação do personagem Marianinho, estudante universitário que retorna a sua terra para o enterro do avô/pai. A partir desse personagem Mwewa discute questões como a formação identitária do sujeito africano (moçambicano); o respeito às tradições da terra versus o desejo individual do rompimento da tradição dentre outras questões. O fato de Marianinho não poder ter uma relação sexual durante o funeral do avô/pai, mas cujo desejo faz com que ele rompa com essa tradição, pode ser tomado como uma das ilustrações no que se refere à quebra das tradições. Outra discussão é a comunicação entre os indivíduos que falam línguas diferentes em um mesmo contexto e a particularidade do povo africano. Inclusive, um dos pontos chave desse texto é a questão da formação escolar do personagem, muitas vezes abdicada para poder se aproximar da família que não possuía formação acadêmica (formal), como se ele tivesse que se adaptar aos membros da família para evitar ou atenuar possíveis conflitos.

Já Adriana Carolina Hipólito de Assis em "Alguma crítica: a dança do corpo poético em *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*" trabalha as possibilidades críticas e a função do corpo poético na obra do Mia Couto (RTCT)¹. Um dos pontos mais importantes do artigo de Assis é quando a obra do Mia Couto é comparada as narrativas sherazadianas, principalmente em relação à memória da

¹ A partir desde momento vamos nos referir à esta obra como RTCT (*Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*)

terra natal denominada pela autora como umbigo e memória do corpo. Em sua análise final, a autora menciona que a escrita de Mia Couto é linear, uma vez que se estabelece como um projeto pedagógico e que é preciso arriscar, buscar na dança, na música que são elementos viscerais na cultura africana, respaldo para *poetar*.

Rodrigo Ferreira Daverni em "Mia Couto e a arquitetura da desconstrução" apresenta alguns elementos biográficos de Mia Couto, justificando a escolha desse autor pela constância de determinadas temáticas em suas obras; exemplo disso seria a formação do Mia Couto em Biologia, que vai influenciar na escolha dos cenários para incrementar a narrativa, como a sua preferência pela zona rural. Outro ponto abordado por Daverni é o conceito de tradição, "onde este não se reduz a uma ideia fixa, tampouco traduz um estado móvel de uma cultura que é transmitida de uma geração para outra, sendo que a atividade e a mudança estão na base desse conceito" (2011, p.107). Assim como Jorge Valentim, Rodrigo Daverni chama a atenção para a questão da literatura do pós-colonial, pois muitos a restringem apenas por marcas cronológicas, como se esta só existisse após a independência de algumas regiões da África. Mas existem, também, as marcas ideológicas, até porque, como assinala Daverni, antes mesmo da independência já se produzia uma literatura contrária ao regime colonial.

E no quinto artigo do primeiro movimento, "A poesia no romance do Mia Couto", Wagner Abreu discute a poesia na literatura de Mia Couto, onde ele enfatiza o título *Venenos de Deus, remédios do Diabo* (2008). Na análise de Abreu, também, aparecem as questões de identidade, mestiçagem em localidades africanas, dicotomia entre a doença e a cura, mas principalmente a utilização da linguística nesse contexto.

No segundo movimento, as discussões são a partir das obras dos escritores Uanhenga Xitu e Ondjaki revelando particularidades da cultura de Angola. No primeiro artigo "História e homenagens nas dedicatórias do escritor e mais-velho Uanhenga Xitu", de Marlúcia Mendes Ramos são analisados os discursos nos paratextos editoriais das obras *Manama* (1978) e *Mungo* (1980) do escritor Uanhenga Xitu. A autora discorre sobre a importância do "mais velho" dentro da cultura angolana e como Uanhenga Xitu incorpora esse indivíduo nas dedicatórias aos amigos e conhecidos. Nos paratextos é identificada uma resistência perante o processo de colonização, principalmente da imposição da língua portuguesa como legítima; porém, misturada aos dialetos locais (angolanos) dão origem a uma língua portuguesa não oficial. Outro ponto importante destacado por Ramos é a importância das pessoas comuns nas dedicatórias de Xitu, pois, segundo a autora, são essas pessoas simples que participam da construção do processo histórico, mas geralmente são esquecidas pela História oficial, que procura retratar sempre o feito dos "grandes homens (heróis)".

Lidiane Alves do Nascimento e Marlúcia Mendes Ramos, em "A memória dos velhos e a valorização da tradição na literatura africana: algumas leituras", destacam a importância da memória, principalmente dos mais velhos (*griotes*). Mesmo que muitos destes traços culturais tenham se misturado à cultura imposta pelo colonizador, ainda a tradição de repassar as histórias vividas por seus antepassados é muito presente nos diversos povos do continente africano. Muitas dessas histórias foram registradas pela literatura de origem africana de colonização portuguesa. Assim, Nascimento e Ramos

verificaram nos contos "Vozes na Sanzala (Kahitu)" (1984) do escritor angolano Uanhenga Xitu, "Manga verde o sal também" (2007) do escritor angolano Ondjaki e "Nas águas do tempo" (1996) do moçambicano Mia Couto a presença do mais velho como detentor das memórias em seus contextos e a importância destes dentro dessas sociedades.

Edelson Santana de Almeida e Marilúcia Mendes Ramos em "Vozes na senzala (kahitu), de Uanhenga Xitu, e Quantas madrugadas tem a noite, de Ondjaki: expressões literárias de uma sociedade em mudança" retratam o contexto angolano pós-colonização e todos os problemas enfrentados pela população angolana, como a falta de infraestrutura, principalmente devidos às fortes chuvas que abalam a região, crianças em situação de risco e até mesmo a instalação de escolas em moldes europeus, utilizadas na difusão das ideologias do colonizador. Como argumento para o problema da falta de infraestrutura, Almeida e Ramos trazem um trecho de Ondjaki (2010, p.21) "(...) ou chuva molhada nas nenhuma tendas e telhas dos deslocados provinciais da nossa guerra gorda, essas são chuvas para pobres (...) andar já era nadar, conduzir já era navegar, viver já era sofrer". Outro ponto importante destacado pelos autores em ambos os contos é o papel social da mulher em constante transformação, onde em Xitu a personagem Kanvula reivindicava a escolha do próprio companheiro. Em Ondjaki as personagens Eva e Madalena fundam o Sindicato Nacional das Prostitutas para lutar por direitos para a classe. No Brasil, as prostitutas são reconhecidas como profissão a partir do ano de 2002, onde o Ministério do Trabalho e Emprego registrou os profissionais do sexo na tabela CBO (Classificação Brasileira de Ocupação) sob o código 5198. Mesmo sendo reconhecidas como profissão, as prostitutas no Brasil estão buscando seus direitos e inclusive há projetos de lei para a regulamentação da profissão.

No primeiro artigo do terceiro movimento, "Para Rosa com Adorno: a luta agônica da palavra e do conceito em busca do 'quem' das coisas", Bruno Pucci realiza um belíssimo ensaio acerca de comparações e complementações entre o literário Guimarães Rosa e o filósofo frankfurtiano Theodor Adorno que, mesmo em contextos diferenciados, foi possível para Pucci evidenciar algumas semelhanças em seus escritos, sendo que ambos procuram dar nome às coisas, aproximação entre conceitos e objetos, buscando identificar em ambos a tentativa de ir além do próprio conceito. Rosa e Adorno, cada um no seu contexto, não se deixam seduzir pela linguagem do senso comum, são difíceis de serem analisados, querem encontrar "o quem" das coisas, e até mesmo no emprego da palavra negatividade em seus escritos. Nos escritos adornianos essa palavra/conceito ocupa lugar central. E os textos de Rosa, segundo Pucci, são permeados pelo uso constante de prefixos, advérbios e pronomes que expressam a negatividade.

No ensaio "A ilha do *mar Atlante*, autobiografia e cyberativismo ensaístico na Guiné Equatorial", de Ana Lúcia de Sá, são abordados aspectos sobre a Guiné Equatorial, mais precisamente a Ilha de Ano Bom, através da produção literária do escritor Juan Tomás Ávila Laurel. A Ilha de Ano Bom, de colonização espanhola, segundo a autora, possui uma ferida colonial, sendo que o isolamento da ilha provocou o abandono social e econômico da população. E é nesse contexto em que se inscreve

Arde el Monte Noche (2009), onde Sá descreve como universo das recordações de infância do autor, onde há reflexões sobre sua identidade insular e diversos campos da memória, desde a resistência à escravidão até a independência. Sá ainda destaca a importância de Juan Tomás Ávila Laurel, que publica em outros meios os seus escritos. Laurel é editor da revista de artes e literatura *Atanga* e pode ser considerado um militante do ciberativismo, compromisso este evidenciado no blog *Malabo*.

No artigo "Donato Ndongo e o exílio literário", de Cátia Miriam Costa, o autor analisado é Donato Ndongo, escritor equatoguinese que tem seus escritos marcados pela busca da identidade da Guiné Equatorial. Com isso, ao analisar os trabalhos de Ndongo, uma das curiosidades que Costa encontrou é que esse autor faz tudo a partir de uma condição de exilado em outro país, transferindo suas principais experiências para seus escritos literários. Sua literatura é conhecida como de exílio, pois escreve a partir de sua condição de emigrado em outro país, mas revelando elementos marcantes da cultura da Guiné Equatorial. Para o fechamento do livro Christian Muleka Mwewa e Bruno Pucci realizaram uma "Conversa desarmada: Teoria Crítica e Literatura" com a finalidade de discutirem sobre a formação e a indústria cultural a partir do filósofo frankfurtiano Theodor Adorno.

Em relação à estrutura do livro, acreditamos que os movimentos (partes) estão didaticamente organizados, facilitando a compreensão dos leitores sobre cada assunto abordado. Podemos perceber que os artigos e ensaios apresentados em *O Verso do Anverso* foram criteriosamente selecionados, devido à qualidade das temáticas discutidas em cada movimento. Porém, no terceiro movimento são enfatizados os trabalhos de escritores equatoguineses e entre esses trabalhos está um ensaio de Bruno Pucci que aparenta estar distante das temáticas africanas apresentadas nesse movimento. Esse ensaio de Pucci, "Para Rosa com Adorno: a luta agônica da palavra e do conceito em busca do 'quem' das coisas", no Terceiro Movimento, o autor analisa Guimarães Rosa (escritor brasileiro) e Theodor Adorno (filósofo alemão). Inserir um artigo do Bruno Pucci que é um autor conceituado na academia pode ser uma estratégia dos organizadores para tornar a obra mais atraente, facilitando a sua divulgação.